

INFORMAÇÕES

Não há atendimento no Cartório:

Durante esta semana, devido à Novena da Padroeira, em Carreço, o pároco não fará atendimento no Cartório Paroquial na 2.ª, 4.ª e 6.ª feira, das 19 às 20 h., mantendo-se apenas o atendimento de 4.ª feira, das 15 às 16 h.

Inscrições para a Peregrinação a

Fátima: O pároco informa que continuam abertas as inscrições para a Peregrinação a Fátima, a realizar nos dias 17 e 18 do próximo mês de Setembro. Inscreva-se até 31 deste mês de Agosto, junto do pároco.

Ofertório mensal para a nova igreja e centro paroquial: No próximo domingo, dia 14, por ser o 2.º domingo do mês, o Ofertório das Missas reverte a favor das obras de construção da nova igreja e centro paroquial. Leve envelope para nele colocar o seu contributo. Seja generoso(a)!

Donativos para a nova Igreja e Centro

Paroquial: Foram entregues esta semana os seguintes donativos para a construção da nova Igreja e Centro Paroquial: "Sócios da Boa Vontade" (Grupo de Utentes do Centro de Convívio) – 30 €; Águeda de Jesus Martins Ramos – 60 € (mensal); Anónima – 30 € (mensal); Anónima – 120 €; Luís Alexandre de Sá Ribeiro – 10 € (mensal); Anónima – 5 € (mensal); Pe. Manuel José Torres Lima – 250 € (mensal, referente à renúncia à mensalidade como pároco); Rosa Pinheiro – 21,90 €. Bem hajam!

Donativos para os sinos da nova igreja: Esta semana foram entregues, expressamente para a aquisição e montagem dos sinos da nova igreja, os seguintes donativos: Angelina Antónia Pinelo – 10 €. Total recebido para os sinos – 4.697 €. Parabéns aos que têm contribuído. Bem hajam!

MISSAS

Dia	Hora	Intenções	
8	Seg	18,30	Glória Correia da Fonte (1.º aniv); Vítor Augusto Carvalho da Silva; José do Rosário, José Mendes e João Paulo; Luís da Rocha e Maria José Silva; Mário Alves Cadilha e Virgínia da Lomba Cadilha; Jorge Barros da Lomba; Isabel Lomba Ferraz
9	Ter	18,30	Manuel José Araújo Gomes; Defensor e família; Francisco da Silva e Maria José Araújo; Aurora Cerqueira; Maria Adelina Pires Franco e João Varajão; Luís Enes da Costa Jácome e José Pedro Rua da Costa; Manuel de Jesus Duarte; Luís Cristino Soares Alheira; José Saraiva de Brito e Glória Correia da Fonte; Teresa Moreira da Costa; António Reto
10	Qua	18,30	Marina Alexandra Caldeira Pedra e João Nunes Pedra
11	Qui	18,30	Domingos Jesus da Silva e Maria da Conceição Fernandes Alves; Napoleão Oliveira da Cruz; José da Silva (aniv.); Amândio Augusto Faria Governa (aniv.)
12	Sex	18,30	Rui Manuel Pereira da Silva; Eduardo Peres da Silva; António da Costa Pereira, esposa e filha; Almas do Purgatório mais abandonadas; 7 jovens falecidas em acidente; José Bastos; Luís Miranda e familiares; Delfim Passos de Sá e pais; Adelaide de Passos Pacheco e Félix Guimarães Barbosa; Alfredo Armando Quintiliano
13	Sáb	18,30	Ana Magalhães e família; António Matos, esposa e filhos
14	Dom	10	Manuel Jesus Ribeiro; Maria Isabel Coelho Fernandes; Glória Martins Coelho, Amélia de Jesus e José Pedro; Narciso Manuel Morais Santa Marinha; António Gomes de Sousa; Eduardo Augusto

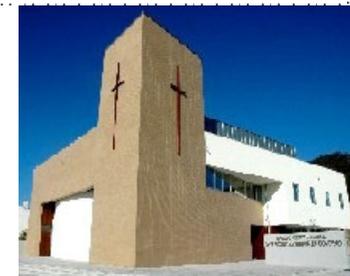
PARÓQUIA VIVA

N.º 553 – 07/08/2011

Boletim Litúrgico-informativo • Senhor do Socorro - Viana do Castelo

Telefone: 30 200 99 91 / 258 80 67 56 / Telemóvel: 93 63 22 123 / Fax: 30 200 65 54

E-mail: paroquiasocorro@sapo.pt / Web: www.senhordosocorro.org • Sai todos os Domingos



19.º Domingo Comum – Ano A



«Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. ... Pedro desceu do barco e caminhou sobre as águas, para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a violência do vento e começando a afundar-se, gritou: “Salva-me, Senhor!”. Jesus estendeu-lhe logo a mão e segurou-o. Depois disse-lhe: “Homem de pouca fé, porque duvidaste?”. Logo que subiram para o barco, o vento amainou.» (Evangelho)

O tempo da liberdade

Notas de um diálogo durante um aperitivo com don Luigi Giussani, antes de partir para as férias. Milão, 5 de Junho de 1964

Desde os primeiríssimos dias do Movimento tivemos um conceito claro e simples: tempo livre é o tempo em que a pessoa não é obrigada a fazer nada, não há coisa alguma que se seja obrigado a fazer, o tempo livre é tempo livre.

Como nós discutíamos com frequência com os pais e com os professores, que diziam que GS ocupava demais o tempo livre dos jovens, enquanto os jovens deveriam estudar ou trabalhar na cozinha, em casa, eu dizia: “O tempo livre é muito bom para os jovens!”. “Mas um jovem, uma pessoa adulta”, retrucavam, “é julgado pelo trabalho, pela seriedade do trabalho, pela

tenacidade e pela fidelidade ao trabalho”. “Não”, eu respondia, “de jeito nenhum! Um jovem é julgado pela maneira como usa o tempo livre”. Oh, todos se escandalizavam. Mas... se é tempo livre, significa que a pessoa é livre para fazer o que quiser. Portanto, se entende o que a pessoa quer pela maneira como utiliza o seu tempo livre.

Eu entendo o que uma pessoa – jovem ou adulta – realmente quer não pelo trabalho, pelo estudo, ou seja, por aquilo que é obrigada a fazer, pelas conveniências ou pelas necessidades sociais, mas pela maneira como usa o seu tempo livre. Se um jovem ou uma pessoa madura desperdiça o tempo livre, não ama a vida: é tolo. As férias, com efeito, são o tempo clássico em que quase todos se tornam fúteis. Ao contrário, as férias são o tempo mais nobre do ano, pois são o momento em que a pessoa se empenha como quiser com o valor que reconhece prevalecer na sua vida, ou então não se empenha de modo nenhum com nada e então, justamente, é fútil.

A resposta que dávamos aos pais e professores há mais de quarenta anos tem uma profundidade à qual eles nunca tinham chegado: o valor maior do homem, a virtude, a coragem, a energia do homem, aquilo pelo qual vale a pena viver, está na gratuidade, na capacidade da gratuidade. E a gratuidade está justamente no tempo livre que vem à tona e se afirma de forma surpreendente.

(Continua na pág. 3)

19.º Domingo do Tempo Comum – Ano A

LITURGIA DA PALAVRA

1.ª leitura: 1 Reis 19, 9a.11-13a

2.ª leitura: Rom. 9, 1-5

Evangelho: Mt. 14, 22-33

- A suave onipotência do nosso Deus -

Penso não ser difícil a nenhum de nós imaginar as desilusões por que passou, uma após outra, o profeta Elias ao não encontrar Deus nem na forte ventania, nem no tremor de terra, nem no incêndio devastador... E logo numa fase da sua vida em que o desânimo o assaltava impiedosamente e, por isso, tão necessitado estava de uma manifestação estrondosa de Deus. Também para nós, como para Elias, se torna difícil reconhecer Deus na suavidade de uma brisa ligeira!

Esta é a distância, a ser percorrida também por cada um de nós, desde uma concepção humana de Deus, baseada numa onipotência que tudo pode e esmaga, até à sua realidade, gostosamente representada pela brandura de um cordeiro inocente ou de uma brisa suave, que não impõe, nem ameaça, mas propõe e convida...

Para espanto nosso, no Evangelho, aparece, ao inverso, a ‘viagem’ feita por Pedro: ele ‘exigiu’ a demonstração do poder de Cristo frente ao indomável mar, para reconhecer naquele homem o Filho de Deus. Pedro tinha visto o prodígio da multiplicação dos pães, mas precisava do teste final, frente ao mar revolto...

Se é verdade que Cristo até aceitou ao desafio de Pedro, não deixou de lhe fazer a censura: “homem de pouca fé, porque duvidaste?”. Numa palavra: a viagem a ser feita por todos nós, tal como Elias e Pedro, só tem um rumo: do Deus ‘omnipotente e todo-poderoso’ do Sinai, ao Deus que, em Cristo, aparece derrotado e vencido no alto do Calvário. Mas é da colina do Calvário e não da montanha do Sinai que vai raiar a aurora da vitória final, isto é, a Ressurreição!

Numa sociedade e cultura em que somos cada vez mais minoritários, é grande a tentação de nos querermos impor pela força da tradição, dos privilégios, das estatísticas e das leis – dos “direitos adquiridos”, como se ouve nas reivindicações sindicais – em vez de nos ancorarmos na força da fidelidade, da coerência, do testemunho, do trigo lançado à terra, que, para germinar, precisa antes de apodrecer. Mas, para isso, precisamos de saber ler os ‘sinais’, não aqueles que nós escolheríamos, mas aqueles que Deus constantemente nos envia: o olhar de uma criança, a beleza de uma paisagem, o murmúrio das folhas, o esplendor do pôr-do-sol, o encanto de uma flor, a tranquilidade de uma noite estrelada...

E num tempo em que quase só são divulgados sinais de violência, de destruição e de morte, haja quem aponte para estes sinais de esperança, os sinais daquele Deus, de cujo amor por nós “nada, nem ninguém nos pode separar”!

Pe. José de Castro Oliveira

O tempo da liberdade

(Continuação da 1.ª página)

A maneira de rezar, a fidelidade à oração, a verdade dos relacionamentos, a dedicação de si, o gosto pelas coisas, a modéstia na forma de usar a realidade, a comoção e a compaixão para com as coisas, tudo isto se vê muito mais nas férias do que durante o ano. De férias, a pessoa é livre e, se é livre, faz o que quer.

Isto quer dizer que as férias são uma coisa importante. Em primeiro lugar, isto implica atenção na escolha da companhia e do lugar, mas sobretudo tem a ver com a maneira como se vive: se as férias não nos fazem nunca recordar o que mais gostaríamos de recordar, se não nos tornam melhor para com os outros, mas nos tornam mais instintivos, se não nos fazem aprender a olhar a natureza com intenção profunda, se não nos fazem fazer um sacrifício com alegria, o tempo do repouso não cumpre o seu objectivo.

As férias devem ser o mais livres possíveis. O critério das férias é respirar, se possível a plenos pulmões.

Deste ponto de vista, fixar a priori como princípio que um grupo tenha de passar as férias junto é antes de mais nada contrário ao que foi dito, pois os mais frágeis da companhia, por exemplo, podem não ousar dizer não. Em segundo lugar, é contra o princípio missionário: ir em férias juntos tem de responder a este critério. Seja como for, em primeiro lugar a liberdade acima de tudo. Liberdade de fazer o que se quer... segundo o ideal!

O que você ganha, vivendo assim? A gratuidade, a pureza do relacionamento humano.

Em tudo isto, a última coisa de que podemos ser acusados é de convidar a uma vida triste ou obrigar a uma vida pesada: seria o sinal de que justamente quem faz as objecções é que é triste, pesado ou macilento. Onde macilento indica uma pessoa que não come e não bebe, por isso não goza da vida. E dizer que Jesus identificou o instrumento, o nexo supremo entre o homem que caminha na terra e o Deus vivo, o Infinito, o Mistério infinito, com o comer e com o beber: a eucaristia é comer e beber – ainda que hoje tão frequentemente seja reduzida a um esquema do qual já não se compreende o significado –. É um comer e um beber: o ágape é um comer e beber. A expressão maior do relacionamento entre mim e esta presença que é Deus feito homem em ti, ó Cristo, é comer e beber contigo. Onde tu te identificas com o que comes e bebes, de modo tal que “mesmo vivendo na carne eu vivo na fé do Filho de Deus” (“fé” quer dizer reconhecer uma Presença).

(traduzido por Durval Cordas)

Viana: Bispo espera novo impulso para a diocese

Santiago de Compostela acolhe assembleia do clero

A cidade galega de Compostela vai acolher a assembleia do clero da diocese de Viana, nos dias 26 e 27 de Outubro, ocasião aproveitada pelo nosso bispo para lançar a sua prometida carta pastoral.

A assembleia inicia-se, precisamente, com a apresentação do documento de D. Anacleto Oliveira, intitulado ‘Cristo em vós, a esperança da Glória’.

A reunião dos padres da diocese do Alto Minho inclui uma visita à catedral de Santiago, o visionamento do filme francês ‘Dos homens e dos deuses’, uma conferência sobre o tema ‘O padre, sacramento de Cristo Pastor’, trabalhos de grupo e várias celebrações litúrgicas.

O bispo de Viana pretende que este encontro seja de “oração e convívio, formação e reflexão”.

“Espero que dele surja um novo impulso para a revitalização da vida cristã na nossa diocese, para a qual é determinante o contributo de todos nós, a quem o Senhor concedeu a graça de participarmos do sacerdócio ministerial de Cristo”, indica D. Anacleto Oliveira.

Apelando a uma forte participação do clero, o prelado recorda que esta assembleia do clero substitui, em 2011, o fórum sacerdotal e as jornadas de formação do clero que habitualmente decorrem no âmbito das celebrações da semana da diocese, no mês de Novembro.